UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO

ALESSANDRO GOMES OLIVEIRA BARBOZA

"*IT*" E TEMPO: DIMENSÃO TEMPORAL EM CLARICE LISPECTOR

DELMIRO/AL

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO

ALESSANDRO GOMES OLIVEIRA BARBOZA

"*IT*" E TEMPO: DIMENSÃO ONTOLÓGICA EM CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de licenciatura em Letras/português da universidade federal de Alagoas – UFAL/Campus do Sertão como requisito para obtenção de grau de licenciatura em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientador: Professor Dr. Marcos Alexandre de Morais Cunha

DELMIRO/AL

2024

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/*2209*

B238i Barboza, Alessandro Gomes Oliveira
"It" e tempo: dimensão temporal em Clarice Lispector / Alessandro Gomes Oliveira Barboza. - 2024.
47 f.

Orientação: Marcos Alexandre de Morais Cunha.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2024.

1. Literatura brasileira. 2. Clarice Lispector. 3. Temporalidade. 4. Martin Heidegger. 5. Filosofia. 6. Existencialismo. I. Cunha, Marcos Alexandre de Moraes, orient. I. Título.

CDU: 82-312.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALESSANDRO GOMES OLIVEIRA BARBOZA

"IT" E TEMPO: DIMENSÃO ONTOLÓGICA EM CLARICE LISPECTOR

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção de título de graduado em Letras.

Aprovada em 21 de março de 2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 27/03/2024 21:01:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Morais Cunha (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA: gov.br Documento assinado digitalmente
JOSE ROBERTO DA SILVA
Data: 28/03/2024 07:30:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. José Roberto da Silva
(Examinador Externo – UFAL)

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 28/03/2024 22:02:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (
(Examinador Interno)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a filosofia de Martin Heidegger focando em suas considerações sobre linguagem, discurso, arte e poesia, descrevendo a base fundamental de sua filosofia com o esquecimento da questão do ser, a analítica existencial, existenciais e angústia, em sua primeira fase, e depois seus escritos tardios trazendo os conceitos de linguagem como casa do ser e suas considerações sobre arte, obra e poesia, para relacioná-los em congruência com a perspectiva sobre escrita da prosa poética de Clarice Lispector, passando por sua estética, temas e inovações para com as estilística literárias da época, na tentativa de reconhecer uma proximidade entre os dois autores a partir de suas visões únicas a respeito dos funcionamentos e papel da linguagem no que diz respeito a temática do tempo e da produtividade artística no sentido de *poiesis*.

Palavras-Chave: Heidegger, Dasein, Temporalidade, Lispector, It.

ABSTRACT

The present work aims to present the philosophy of Martin Heidegger focusing on his considerations about language, speech, art and poetry, describing the fundamental basis of his philosophy with the forgetting of the question of being, existential analytics, existentials and anguish, in its first phase, and then his later writings bringing the concepts of language as a home of being and his considerations about art, work and poetry, to relate them in congruence with the perspective on writing in Clarice Lispector's poetic prose, passing through his aesthetics, themes and innovations regarding the literary stylistics of the time, in an attempt to recognize a proximity between the two authors based on their unique views regarding the functioning and role of language with regard to the theme of time and artistic productivity in the sense of poiesis.

Keywords: Heidegger, Dasein, Temporality, Lispector, It.

Sumário

INTRODUÇÃO 8

2. **BASES DO PENSAMENTO HEIDEGGERIANO** 9

2.1 Esquecimento da questão do Ser 9

2.2 Segunda fase de pensamento (considerações sobre linguagem, arte e poesia) 19

3 **CLARICE: EXISTENCIALISMO E OBRAS** 26

3.1. Obras e Escrita 28

4 **ESTRUTURA DE ÁGUA VIVA** 35

4.1- **Análise heideggeriana de Água Viva** 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS 43

REFERÊNCIAS 45

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é apresentar uma intersecção entre filosofia e linguagem, apresentando a forma pela qual o âmbito da linguagem e comunicação está intrinsecamente ligado ao meio filosófico devido sua busca pelo fundamento.

A estrutura dos trabalhos está montada a partir da explanação a respeito do pensamento filosófico de Martin Heidegger a partir de sua mais renomada obra "*Ser e Tempo*" (2015) onde apresenta os conceitos a respeito da discussão sobre o Ser e ontologia como uma necessidade de retomada para o pensamento ocidental. Complementando a seguir estão suas produções tidas como de sua "segunda fase", onde expande os referidos conceitos e destaca a importância da linguagem, arte e poesia, para em seguida correlacionar a estética e temáticas da escrita de Clarice Lispector, na intenção de definir características em comum com a do filósofo, a partir de seus aspectos tidos como existencialistas e em como a autora direciona tanto em sua prosa quanto em poesia sinais de questionamento acerca da questão do Ser que em muito se aproximam das definições tidas por Heidegger, incluindo também sua própria maneira de escrever que descreveria o ato poético de aproximação com o Ser proposta pelo filósofo.

No primeiro capítulo é apresentado o esquecimento da questão do ser como base introdutória ao pensamento de Heidegger onde são feitas exposições sobre os conceitos de "Ser" e "Ente" e a conexão com a tentativa de retomada de um pensamento próximo ao grego antigo, junto a motivação para tal; o motivo do uso de sua terminologia; a noção do ser humano como um "*Ser-aí*" (Dasein); a questão da técnica e crítica a metafísica;

No segundo capítulo está exposto o pensamento tido como "tardio" do filósofo, onde ele visa ultrapassar as barreiras tidas com seu projeto ontológico e se volta as noções de poesia e *poiesis*; e a questão da linguagem enquanto "casa do Ser", assim como o chamado silencioso do Ser para seu apelo;

No terceiro capítulo é abordado o ponto do existencialismo na obra de Clarice, pontuando algumas obras fundamentais desta relação, bem como a definição da corrente existencialista na própria filosofia, tendo como principal referência Benedito Nunes; abordando também a estilística da escrita peculiar da autora e suas temáticas e estética de composição de personagens e narrativa.

Por fim, a partir das temáticas existenciais, será analisado o conceito de "It" apresentado em "*Água-Viva*" (1973), a partir de como a escrita de Clarice guia o leitor para um âmbito de desconexão e estranhamento da sua noção de existência devido a maneira como

é utilizada a configuração de sua prosa-poética, e demonstra uma em seu cerne um debate sobre o conceito do tempo e ser em movimento, focalizando o aparecimento e abertura deste instante que proporciona o acesso a existência.

O motivo da escolha desta temática se deu pelo interesse pelo campo filosófico, em específico as temáticas existenciais a respeito da dinâmica sobre o tempo e das possibilidades da linguagem na existência humana, isto associado a crítica que Heidegger faz a questão da técnica, pensando a própria comunicação como um ponto dúbio de abertura ao mundo e ao mesmo tempo de fechamento para característica fundamental do homem enquanto Dasein. E também, pelo fato de o autor em si não ser uma figura trabalhado no curso de letras (no Campus do Sertão) apesar de autores como Mikhail Bakthin e Ludwig Josef Johann Wittgenstein serem abordados nos estudos de linguística em especial, mesmo com a existência de paralelos entre os três autores na dimensão da linguagem.

Sobre a escolha de Clarice, surgiu após a leitura do conto “O ovo e a galinha”, onde são feitas nítidas indagações sobre a existência a partir de uma intensa observação e análise da banalidade, ela põe em evidência o sentimento questionador que anseia pelo encontro de uma essência. Esta sensação a partir de sua leitura se manifesta mais intensamente em Água Viva, e complementa com a experiencia temporal nela debatida. Por isso a escolha destes dois autores se chocou.

Ao ler a primeira página de Água Viva foi como ter a experiencia narrativa e poética do projeto ontológico heideggeriano, e ao continuar a leitura, ela parece condensar todas as etapas de sua filosofia, vislumbrando a preparação de um terreno fértil para novas formas de contar a dinâmica do tempo dentro da própria obra.

2. Bases do pensamento heideggeriano

Neste início será apresentada a base do pensamento de Martin Heidegger e os desdobramentos que condicionam a sua visão a respeito da linguagem, discurso e tempo. Será dada ênfase em sua terminologia e crítica a base do pensamento filosófico tanto antigo quanto moderno, em especial este último visto que, na visão do filósofo, o desenvolvimento da metafísica distanciou o que uma vez motivou o pensamento filosófico na antiguidade e perpetuou durante toda a história do ocidente um desvio de uma fundamental questão, explicando neste processo a necessidade e os desdobramentos para uma adequada retomada da discussão sobre o Ser[1], sendo este seu projeto para uma nova ontologia, que parte basilarmente do questionamento grego e pré-socrático da temática.

2.1. Esquecimento da questão do Ser

A única questão realmente importante para Heidegger é a questão sobre o Ser, sendo basicamente o seu único questionamento filosófico.

Para o autor essa questão foi esquecida ao longo da tradição filosófica e consequentemente esse fato proporcionou o surgimento da metafísica tradicional. O problema desse esquecimento parte da análise do fundamento do mundo e da vida, de forma que esquecer desta questão é não apenas deixar de lado uma importante característica da natureza do Ser como ignorar uma suficiente maneira de elaborar o devido questionamento, assim, a clássica busca pela verdade promovida pela filosofia não teria feito mais que caminhar em círculos na tentativa de estabelecer o ato de conhecer. Sendo assim o que seria de fato o esquecimento? Para tal é necessário entender a dinâmica da questão.

Quando o homem se volta ao mundo na busca por compreensão ele quer ter acesso ao Ser, ou seja, algo de verídico, válido, que defina de fato o que acabou de ser acessado, estabelecendo assim o conhecimento verdadeiro. Portanto, a condição fundamental para que algo exista, independente de se estar considerando uma existência empírica ou lúdica, é que para que algo exista é preciso que este algo **seja**, logo, contenha Ser, pois este tem por sua definição a vagarosidade e ao mesmo templo amplitude, existe em todas as relações e é

[1] A escolha pela inicial da palavra *ser* estar em maiúscula foi feita para diferenciar do uso comum da palavra e relação a como Heidegger utilizava, isto devido a necessária repetição do termo.

necessário para que haja qualquer tipo de interação entre o homem para com o mundo, com os outros e consigo próprio, visto que tudo que existe "é". O que Heidegger percebe é que, toda vez que se tenta conhecer o Ser de algo ele redireciona a resposta ou descoberta para um outro, e quando isso ocorre há o surgimento dos entes. Sendo assim, Ser é a condição para que algo exista, e ente é o que de fato é conhecido. O problema do caso é que esse redirecionamento além de não tornar claro esse condicionamento dado pelo Ser buscado inicialmente, sempre coloca o pensamento em direção a algo que também não possui definição aparente, e é empregado com uma compreensão prévia e igualmente vazia em significação.

> Todo mundo compreende: "o céu é azul", "eu sou feliz" etc. Mas essa compreensão comum demonstra apenas a incompreensão. Revela que um enigma já está sempre inserido a priori em todo ater-se e ser para o ente, como ente. Este fato de vivermos sempre numa compreensão do ser e o sentido do ser estar, ao mesmo tempo, envolto em obscuridades demonstra a necessidade de princípio de se repetir a questão sobre o sentido do "ser". (Heidegger, Ser & Tempo, p. 29-30)

Por exemplo, até mesmo em retrospectiva do método socrático (maiêutica[2]) pode-se pensar na frase "*A árvore é*", mas esta estrutura sozinha demanda uma explicação, afinal o Ser da árvore ainda está obscuro, neste sentido a resposta sempre direciona uma característica do questionado que no caso pode ser, "*A árvore é verde*", ou "*A árvore é alta*" e assim consecutivamente. Independente da resposta poderia ser perguntado "*o que é verde/alto?*" E assim haveria mais definições que apontariam para outras coisas. Para Sócrates essa foi a comprovação de que ninguém sabe realmente o que acham que sabem sobre as coisas, para Heidegger isso indica para além, que toda a história da filosofia a partir desse ponto tentará definir um meio válido para poder conhecer a realidade de fato, e nesse ato reside a intenção de desvelar, elucidar, trazer à tona o que é e se mostra como verdadeiro, deixando de lado a característica de manifestação do Ser: o encobrimento no aparecimento do ente. Dessa forma, toda vez que se definiu o que seria a verdade, seja a *ideia* no mundo antigo, *Deus* no período medieval e o *cogito* na modernidade, buscava-se apenas o ente, logo, aquilo que apareceria como resposta, e consequentemente seria substituído futuramente por outra concepção, ao menos, até Nietzsche, considerado pelo autor como o último metafísico. Com isso, Kehlmeyer-Mertens diz:

[2] Método que, a partir da dialética (debate visando progressão através da oposição de informações todas como verdadeiras) possa acessar uma proximidade maior da verdade.

> Entendendo a *questão ontológica* como a mais originária das questões, justamente por estar implícita na base de qualquer conhecimento possível, Heidegger busca revitalizá-la em uma época na qual [...] achava-se poder preterir a mesma por julgá-la uma fantasmagoria. Ora, é justamente nas alegações de que o *ser* é o conceito mais universal, indefinível e evidente por si mesmo, usadas para desqualificar qualquer retomada do tema, que Heidegger encontrará indícios de que a ontologia tradicional deixou impensado o que havia de mais fundamental no *ser*, e isso significaria dizer que mesmo a filosofia platônico-aristotélica, e seus desdobramentos medievais junto aos escolásticos até a modernidade tardia com Hegel, não a teriam conduzido a um termo satisfatório [...] Deste modo, em toda pretensa resposta que a tradição deu com o propósito de determinar o *ser* (seja ela a *ideia*, a *substância*, a *essência* ou que outro nome a filosofia elegeu para designá-lo), ainda é possível identificar um critério que remonta a medida do ente, e isso fica a um passo da experiência ontológica originária. (10 lições sobre Heidegger, KAHLMEYER-MERTENS. P. 42-43)

E como o próprio Heidegger frisa: "Estas designações **[apropriação romana dos conceitos gregos como a palavra *subjectum* por exemplo]** não são quaisquer nomes. Nelas fala o que aqui já não se pode mostrar a experiência fundamental grega do ser do ente, no sentido da presença."[3] por isso, não deve ser considerado, no entanto, que o filósofo pretende com seu projeto ontológico criar um modelo filosófico tido como superior ou que ele desvalorize a metafísica. É de suma importância entender que a busca heideggeriana pelo Ser tenta reavivar a discussão presente no mundo antigo anterior a Sócrates/Platão que deram início a estrutura metafísica. É neste sentido que a noção de que ele tenta de alguma forma definir uma verdade do Ser deve ser rejeitada. O primeiro passo é recolocar a questão na intenção de fugir do ciclo metafísico no qual a filosofia está presa, como disse Guimarães: "De forma alguma Heidegger nega que a metafísica tradicional tenha se movimentado sempre a partir de uma determinada noção de ser, ou seja, que pensadores como Platão e Aristóteles tenham vislumbrado o seu sentido"[4].

Por isso é importante entender este desvio da metafísica aos olhos do autor, e a partir disso, sua necessidade em retornar a língua grega antiga, buscando assim maior proximidade a uma maneira de pensamento anterior a herança que veio de Platão, na tentativa de entender a concepção da filosofia por meio do entendimento mais originário dessas questões. Nesse

[3] HEIDEGGER, Origem da Obra de Arte, p. 16, apud. Grifos meus.
[4] GUIMARÃES, Carlos. Fenomenologia, p.62

sentido, o questionamento sobre a *verdade* das coisas se torna importante no projeto heideggeriano, (o que valida sua preleção por não usar termos como homem e consciência por exemplo, já que estes direcionam o pensamento diretamente ao sistema metafísico estabelecido historicamente).

A definição de **verdade** para os gregos antigos (*Aletheia*[5]) era um processo, simultâneo e conjunto com as definições para *logos*[6] e a *physis*[7], neste sentido, era um constante "desabrochar que reivindica um espaço para o aparecimento do ente; e, enquanto um fenômeno de des-oculta-mento (desvelamento), o que permanece oculto (velado) não é, de forma alguma, um elemento secundário" (GUIMARÃES, Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, p, 63), que configura seu Ser ao passo em que abre seu espaço no mundo e o ocupa, sendo agora algo revelado, porém, o velamento do qual provém é também seu elemento constitutivo, é a prenuncia que sucinta a necessidade para o desvelamento. Após revelado, o limite que oculta o suposto conhecimento verdadeiro é agora a própria claridade que enuncia o Ser que se apresenta, mantendo o questionamento vivo. Consequentemente, a noção de *logos*, traduzida erroneamente como lógica da consciência entendida como estática, ao contrário, é viva. Por este motivo a linguagem é uma ação que constantemente ao ser pronunciada, pela fala e não a escrita, pode ornamentar o aparecimento dos fenômenos no instante em que conjuntamente ocorre tanto a manifestação fenomênica quanto o encaminhar deste desocultamento pela fala, que comporta no instante do acontecimento, e revelando a faceta ôntica e não ontológica.

O que permanecia oculto para o próprio Sócrates é justamente o Ser, por isso enaltecia a linguagem falada em detrimento da escrita, já que a vivacidade do falar demonstra este jogo entre luz e sombra na busca da verdade, elemento que se perde na escrita, pois ela sempre dará a mesma resposta para qualquer leitor em qualquer período de tempo.

Ou seja, um constante vir-a-ser e deixar-de-ser, podendo ser entendido como a dinâmica do acontecimento (*devir*[8]). O entendimento da consciência fora desse movimento

---

[5] O conceito de verdade para os gregos antigos, entendido por Heidegger como o reconhecimento do ato de desvelamento (momento em que o ser se mostra com tal) ao mesmo tempo em que se oculta (proporciona o aparecimento do ente, que se institui como "o conhecido").

[6] "Logos não só jamais era pensado enquanto algo independente como também ele próprio era fazia parte da physis, emergindo também a partir do seu desabrochar. Neste acontecimento, logos era aquilo que recolhia o fenômeno, dando a este um ordenamento que possibilitava, ao mesmo tempo, a possibilidade de ser expresso por meio da linguagem." (GUIMARÃES, P.64)

[7] "Physis significa o vigor reinante, que brota, e o perdurar, regido e impregnado por ele. Nesse vigor, que no desabrochar se conserva, se acham incluídos tanto o 'vir-a-ser' como o 'ser', entendendo este último no sentido restrito de permanência estática. Physis é o surgir (Ent-stehen), o ex-trair-se a sis mesmo do escondido e assim conservar-se (HEIDEGGER, 1987, 0.45, grifos do autor) (corrigir talvez)

[8] Devir aparece referente como o momento presente, no qual as coisas "vem a ser", logo, o momento de aparecimento dos fenômenos do mundo.

(entendendo-a como algo de fora dessa relação, promovendo-a a um campo metafísico) moveu o debate dessa "constante presentificação" do mundo" para buscar uma verdade fora dele, estabelecendo a definição de metafísica, atribuída ao mito da caverna de Platão, com a divisão de um mundo sensível (velado) e o inteligível (onde habita a verdade que deve ser desvelada), assim, noção de que a verdade é estática surge, devido a busca unicamente pelo desvelamento significa que a ela pode existir em algum lugar e é algo estático. Assim se desenvolveu o esquecimento da questão e por isso a necessidade de retomar uma questão tão fundamental: "Este é o significado de questionar o sentido do ser: retomar uma experiência iluminadora, instauradora de sentido de mundo. Experiência esta que, a despeito de seu ocultamento, está sempre presente enquanto horizonte a partir do qual o homem - mesmo sem se dar conta - sempre se move" (Guimarães, Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, p. 61)

Na modernidade essa divisão da metafísica ganha um tom de subjetividade especialmente a partir de Descartes ao atribuir o *cogito* como elemento definidor de uma veracidade, onde o "*eu"* (sujeito) passa a ser a medida que valida o mundo (objeto), e nessa relação, a filosofia que a muito já havia perdido seu caráter mais especial de maravilhamento advinda do momento do espanto para com a realidade, torna cada vez mais engessada a ideia de dizer o que é o Ser, assumindo um papel muito próximo das ciências, que são devido a sua própria estrutura metodológica, criticadas por Heidegger como sendo a medida da **técnica**, que toma como verdade tudo aquilo que pode ser conhecido e portanto, manipulável. Neste sentido (assim como será visto a frente) a linguagem também passou a ser operada de maneira técnica, tendo uma serventia clara de transmissão e entendimento da mensagem, de forma que a literatura científica lá nada mais é que uma detalhada descrição de todos os processos que levam determinado fenômeno a ser como é.

> O ser é sempre ser de um ente. O todo dos entes pode tornar-se, em suas diversas regiões, campo para se liberar e definir determinados setores de objetos. Estes, por sua vez, como por exemplo história, natureza, espaço, vida, presença, linguagem, podem transformar-se em temas e objetos de investigação cientifica. A pesquisa cientifica realiza, de maneira ingênua e a grosso modo, um primeiro levantamento e uma primeira fixação dos setores dos objetos. A elaboração do setor em suas estruturas fundamentais já foi, de certo modo, efetuada pela experiencia e interpretação pré-científicas da região do ser que delimita o próprio setor de objetos. (Heidegger, ST, p. 35)

A crítica a metafísica está no fato de que ela funciona a partir de uma base cristalizada já tomada como verdade absoluta. É necessário que se tenha uma pré-compreensão dessa base para que a lógica funcione, que o fundamento das coisas seja estático, pois do contrário não seria válido confiar em tais afirmações. Para Heidegger, Ser é a característica indefinível que, ao aparecer/manifestar-se, determina o ente que será conhecido (apreendido pela consciência).

A dinâmica presente no conceito de *Alétheia* é tomado por Heidegger através da fenomenologia já reinterpretada em conjunto com a hermenêutica, de maneira que o filósofo procura tornar a busca pela verdade do Ser um processo reflexivo do que o Ser "*é"* a cada instante em seus modos de existência, admitindo assim, a possibilidade reflexiva e interpretativa do campo hermenêutico ao passo que se livra do problema de uma pré-compreensão fundante do mesmo, como ocorre na metafísica até então, já que ele entende o homem como "*Ser-aí*[9]". O ente que tem a possibilidade de se fazer a todo momento e compreender este fluxo de movimento onde vem-a-ser e deixa-de-ser é o ente do qual Heidegger elegerá como ***o*** meio para fundar uma nova ontologia, assim:

> [...] ao combinar fenomenologia e hermenêutica, Heidegger busca corrigir uma pela outra, ou seja, trazendo a evidência indubitável da fenomenologia a hermenêutica, Heidegger a isenta do risco de relativismo; por outra mão, ao lastrear hermeneuticamente a essência do fenômeno na dimensão de fato da história, Heideggger libera a fenomenologia de sua tendência idealista (Mertens, p. 61)

Com isso, Heidegger elege o homem a uma condição específica de sua natureza, onde está aberto as possibilidades de vir-a-ser e deixar de ser devido a todo momento ter seu Ser em jogo, ou seja, em constante transformação, liberto das condições metafísicas e "entificantes" que o cristalizam naquilo que evidentemente o "é". Nesta condição especial, o "*Ser-aí*" ou "*Dasein*" é:

> Quem faz a pergunta, colocando essa questão, somos nós mesmos como *Dasein*. O *Dasein*, ente que nós mesmos somos, tem a possibilidade de pôr essa

[9] Heidegger tem uma grande aproximação com a língua grega antiga e o alemão arcaico, de forma que as traduções de seus referidos termos costumam ter outras traduções, "Ser-aí" por exemplo é também traduzido como "Presença" no sentido de "estar presente no instante da abertura", porém, a decisão pelo uso de "ser-aí" se fez no intuito de priorizar o entendimento dos termos com relação a língua original, já que Dasein é a junção de "Da" (abertura, lançado, jogado, presente, aí) com "Sein" (Ser).

> questão. Quando a fazemos, se estabelece uma relação circular entre quem interroga, o ente que somos e o interrogado. Por que se pode afirmar isso? Em razão do método adotado, oriundo da fenomenologia de Husserl, reinterpretada em íntima relação com a hermenêutica. Reinterpreta-se a fenomenologia, ciência da consciência, na acepção de seu fundador, como um permitir ver o fenômeno, aquilo que se mostra por si mesmo uma vez liberado de seus encobrimentos. E aquilo que assim se mostra é o ser do ente focalizado, uma vez que na fenomenologia reinterpretada, a intencionalidade não é mais, como foi para Husserl, a propriedade fundamental da consciência, mas a direção para o ser compreendido, isto é, para o ser pré-descoberto, de que a consciência é o ponto de abertura. (Nunes, Heidegger: & Ser e Tempo, p.11)

Dessa maneira "Temos que auferir esse sentido à luz de quem pergunta, o *Dasein* como ente, que na pergunta já visa seu próprio ser. E visando-o, investiga a sua existência, que não tem como um objeto diante de si mesmo, mas como risco de ganhar-se ou de se perdesse." (Nunes, p.12, Ibdem) Evitando assim a possibilidade configurada pela metafísica em seu ponto final como o esquecimento da questão do Ser, no entendimento de que este seria o ente, assim configurando o domínio da *técnica*, que passa a ser o domínio da natureza como justificativa de acesso ao ser do ente, como era o estado da filosofia durante o século XVIII até o XX em sua aproximação com a metodologia cientifica de validação da realidade, não percebendo a característica de pré-compreensão já imposta no método cientifico, pois, o vislumbre do Ser à própria relação do homem com a natureza se torna de uso, ao passo que, ao apropriar-se da natureza ela e usá-la (estabelecendo domínio) a "verdade" apareceria como tal através desse ato de destrinchar o mundo, e nisso está implícita a dinâmica de esquecimento do ser como uma pré-compreensão do ente. Dominar é tomado enquanto acessar a verdade, mas esta já foi pré-concebida como tal no ato de analisar, decompor, reestruturar.

> Dada essa diferença, como se pode dizer que a compreensão da técnica de matriz grega (trabalho do artesão) seria ainda válida na modernidade? A continuidade está na noção de desocultamento: para o homem moderno, que requer das coisas a satisfação de suas necessidades naturais e instituídas, desocultar é *tirar proveito*: desabrigar a partir do critério da utilização. Por isso, o rio é a representação da pressão da água nas turbinas e a árvore é a representação industrial da madeira e do combustível. Entretanto, trata-se ainda de um modo de desocultar, que já não se ordena pela poiesis, mas por aquilo que é requerido pela transformação técnica. O caráter instrumental existe com certeza, mas antes dele há de se

> considerar um certo modo de habitar o mundo do qual a instrumentalidade é conseqüência. [...]. Esse modo tem tudo a ver com a representação moderna da verdade e, assim, com a ciência experimental. Na imagem moderna do mundo, a natureza aparece como complexo de forças passível de ser calculado. Cálculo e experiência são maneiras de fazer com que a natureza "se anuncie" como uma totalidade assim concebida. Nesse caso, não seria correto dizer que a técnica moderna deriva da ciência experimental ou que as máquinas que o homem é capaz de fabricar somente se tornaram possíveis após a concepção moderna de conhecimento científico? Não seria a técnica nesse caso mera aplicação? Heidegger alerta para o fato de que nem sempre a cronologia histórica coincide com a verdade em seu caráter essencial. Com certeza a técnica moderna é uma *manifestação* posterior à ciência experimental. Mas em um sentido não meramente cronológico de *história*, a técnica está profundamente entranhada na própria essência da ciência moderna como seu destino. Assim, o que se manifesta *posteriormente* é, na verdade, *primordial*. [...] O modo peculiar de desabrigamento que está envolvido na técnica moderna corresponde ao destino que o homem deve cumprir. (Martin Heidegger e a técnica, Franklin Leopoldo e Silva, ...)

Com isso, o Ser-aí é a condição do ente humano de poder sempre transformar sua existência *ôntica*[10] conforme põe seu ser em jogo, ou seja, tem-no como algo aberto para as possibilidades de vir-a-ser e deixar-de-ser continuamente, o que, devido termos acesso a *linguagem* no ato de defrontar-se com o mundo, junto a possibilidade de questionar (o que põe os ser dos entes em jogo, já que agora passa-se a duvidar de sua essência ao proferir um questionamento), é considerado um ente privilegiado pelo autor.

Nesse sentido compreende-se que, sendo um Ser-aí, um ente que interpreta e reflete sobre si e o mundo, na medida em que se faz a todo momento, ele só pode ser em um mundo que já contém significados, assim, corrobora tanto para formação de si quanto de seu contexto (visto que ao se fazer também impacta o mundo ao seu redor ao compreendê-lo ônticamente). Nesse sentido, é preciso desconstruir as bases metafísicas através do Ser-aí para instituir uma analítica existencial:

> [...] de um segundo modo, essa hermenêutica fenomenológica da facticidade designa o próprio âmbito no qual somos 'aí' no mundo. Ela nomeia o caráter de fato do nosso ser-aí. Nesse caso, temos em vista a maneira com a qual

[10] "A facticidade refere-se, primeiramente, ao modo concreto com o qual os entes são compreendidos e interpretados no âmbito da existência (o que determina, igualmente, que existir significa, desde sempre, mover-se de modo interpretativo num conjunto de significados consolidados; do mesmo modo, refere-se a maneira com a qual nos ocupamos dos entes em determinada semântica fáctica, formulamos sobre eles problemas e os solucionamos segundo os significados deste contexto)." (Mertens, p. 63).

> interpretamos a existência humana em face dos demais entes perguntando filosoficamente sobre o nosso modo de ser e sobre o ser dos entes que nos cercam, ou, nas palavras de Heidegger: 'O tema da investigação hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião, justamente por ser hermenêutico, questiona-se sobre o caráter ontológico, a fim de configurar uma atenção sobre si mesmo bem enraizada' (Mertens, p.64)

Dessa forma, o Ser-aí é a tentativa de Heidegger colocar a questão do Ser de modo que, o homem na sua condição de Dasein possa se livrar de sua imersão na "vida inautêntica" (vivência ôntica) e possa produzir um novo tipo de filosofia, (ontologia). Porém, o homem sempre já existe em um mundo permeado de sentidos, sendo está também uma condição pela a qual o Ser-aí não pode fugir, afinal por mais que seja aberto está sempre fora do que já ***foi*** e direcionado para o que ***será,*** ou seja, é da característica de existir de Ser-aí estar em um espaço na medida em que ocupa o espaço que abre por ser uma constante transformação, um constante fluxo, de forma que o Ser-aí sempre é em um mundo, logo, "Ser-no-mundo" é seu *existencial*[11] mais íntegro.

> A expressão *ser-no-mundo* nem exprime um nexo de continuidade entre o *Dasein* e os outros entes nem exprimem uma relação de encaixe desse ente no mundo natural. Significa antes uma relação de encaixe desse ente no mundo natural. Significa antes de mais nada um ser *familiar a*, traduzido pela locução alemã *sein bei*, e que corresponderia, em nossa língua, ao verbo *estar*. Ser-no-mundo implica por isso transcender o mundo. Mas a transcendência pertence ao *Dasein*, isto é, a sua constituição fundamental. (Nunes, p. 14).

Nisto se faz presente a linguagem ou discurso pois ela abre o mundo e as posições que o dasein ocupará enquanto ser-no-mundo. A dicotomia está no fato de que este existencial lança o Ser-aí para as possibilidades de ser ao passo em que o fecha nas ocupações em que já ônticamente "*é*", dessa maneira se entende que falar é na mesma medida compreensão, pois já se mantém proporcionalmente referido e referente aos entes ao perceber que falar é sempre um "pronunciar sobre algo"; mas também é na fala que o dasein pode se manter voltado a seu fundamento pela busca posta em prática através do questionamento, de forma que, ao se perceber como falante e buscar saber mais sobre algo ou alguém ele se direciona para o que é basilar da abertura de determinado ente (bem como si próprio), logo sua característica mais

[11] Existencial ou existenciais são as formas de ser do Ser-aí, ou seja, a maneira com a qual o Dasein se categoriza enquanto ente, constituindo e constituído por significados.

própria pode ser percebida.

É só por ter acesso a linguagem que deve ser procurada uma forma de dizer o Ser sem que encobri-lo, é necessário fazer com que os entes simplesmente sejam.

Outro elemento que evidencia a correlação entre fala e compreensão é a categoria originária do ouvir. Já que neste ato "[...] nunca escutamos ruídos acústicos e complexos acústicos. Escutamos o carro rangendo, a motocicleta. Escuta-se a coluna marchando, o vento do Norte, o pica-pau batendo, o fogo crepitando. [...] isso constitui, porém, um testemunho fenomenal de que a presença, enquanto ser-no-mundo, já sempre se detém junto ao que está à mão dentro do mundo."[12] Isso ocorre pois na fala o Dasein pronuncia o mundo e prepara o terreno que ocupará no mundo conjuntamente.

> Não se pode afirmar que o ser humano tenha adquirido a linguagem. O ser humano é falante. Em consequência do que fala ou o discurso lhe proporciona um meio de abertura, como um prolongamento da interpretação (*Auslegung*), de que a linguagem, como sistema de signos, historicamente concretizada numa língua, é instancia ontico-empírica. As palavras podem espedaçar-se e coisificar-se. Elas brotariam das significações articuladas. Ambos os conceitos, discurso e linguagem, transpassantes, tem sua comum raiz no conceito aristotélico do homem como ser capaz de falar – *zóon lógon échon.* (Nunes, p.20-21)

Portanto é neste ato de se lançar, ou seja, falar, pronunciar o mundo, que o Dasein dá forma ao mesmo e se constrói inevitavelmente como aquele que existe em relação a esse espaço, surgindo assim, os nexos de significatividade que Heidegger reconhece como o ponto essencial da filosofia moderna com o modelo de sujeito e objeto e constituindo a existência mundana (*das man*[13]) "em que nos demitimos, e que a todos se sobrepusesse, sob a máscara do pronome Eu, depois de ter origem em cada qual. " (Nunes, 2010, p.17), e esquecida desse momento originário de lançamento para um vazio, que só se torna algo no dito, o sentido de toda significação está a ser tão somente um encobrimento.

Ao Ser-em-um-mundo, o Ser-aí tem a sua disposição o Ser-a-mão (ou apetrecho), meio pelo qual incorpora ônticamente, constituindo sua identidade por meio da serventia advinda da relação entre si e o apetrecho durante o processo de uso, de forma que, existir no mundo é sempre composto da compreensão na medida da linguagem para com os entes,

---

[12] Heidegger, Ser e Tempo, p.227.

[13] "[...] o Dasein é igualmente ser com os outros, tendo nisso uma outra via de acesso ao mundo, capaz, no entanto, de subtrair-nos a nós mesmos, de englobar-nos nessa busca de si em que nos empenhamos como um poder estranho, superior, anônimo, impessoal" (Nunes, p.17)

revelando, novamente, a dinâmica de abertura do Ser que proporciona o surgimento do ente, que poderia ser como exemplo, um motorista, que só o é ao dirigir um automóvel em um mundo onde essa prática ainda produz significados, do contrário não seriam praticadas e estariam fadadas ao desuso.

> Nossa primeira relação com o que nos cerca não é cognoscitiva, mas de lida, de trato, de manipulação: uma relação instrumental de acesso aos entes pela qual nos servem para isso ou aquilo, cada qual sendo a serventia que prestam, o uso que fornecem. É o para-que do utensilio, a sua disponibilidade como ente a mão (Zuhande) numa experiencia ante-predicativa, envolvente, de preocupação. O ente a mão é mais obra, como trabalho que se insinua enquanto existe. [...] O exemplo de Heidegger (a seta de assinalamento da posição dos automóveis ou pisca-pisca) é de todo prático. Mas o pisca-pisca só nos presta esta serventia a partir do mundo que torna o instrumento disponível. Sem mundo não haveria uso. Sem uso não haveria pisca-pisca.) (Nunes, p. 16).

Em uma vida inautêntica, tomada pelo mundano se tem como única característica de vislumbre da sua condição de abertura, a ***angústia***[14]. Esta disposição de ânimo, difere do medo pois "o que se teme é sempre algo dentro do mundo, intramundano. O porquê do temor é o próprio Dasein entregue a si mesmo ou às outras espécies de ente"(Nunes, p.19) porém, a angústia é o momento em que a única possibilidade de vir-a-ser que se apresenta é do ser-para-morte, retirando-o do mundo, direcionando o homem a um fim de todas as possibilidades de ser, como uma experiência nítida do fim enquanto ainda vive, portanto, movendo o homem da sua condição ôntica e fazendo-o perder sua perspectiva de futuro ao passo em que se sente desconectado do mundo em que já "é", assim, defronta-se com o **instante** como possibilidade única, e nisso, se experiência o único fato possível que é a morte, e neste processo, pode pôr em xeque suas condições de existência e como sua própria vivência o condiciona a uma fuga de sua característica mais própria que é aberta. A esta inautenticidade Heidegger chamará de *ocupação*[15], e neste ponto se faz uma clara atenção as considerações de Heidegger à

[14] "O Dasein se desencobre como poder-ser. Mas sendo essa possibilidade sempre minha, ela seria a todo instante recuperável, a existência se prolongando indefinidamente. Mas desde o princípio o Dasein está predeterminado pelo seu fim. [...] Então a morte é esse fim como 'possibilidade da impossibilidade'. Estamos diante do não-ser como essência da existência. Eis em que consiste o ser-para-morte. [...] Mas diante dessa existência finita, da morte, o homem como ser cadente não cessa de fugir. Quem morre é a gente, não eu. Esquivo-me da morte no anonimato da gente. Mas se não fujo exercito-me diante da mais extrema e radical possibilidade de mim mesmo. E assim exercitando-me antecipo-a, assumindo-a; e portanto, decidindo. A decisão (*Entschlossenheit*) é uma escolha, e, se isso ocorre, angustio-me. Mas na angústia libera-se o poder-ser mais próprio, mais autêntico do Dasein. (Nunes, p. 21)

[15] O termo compreende a existência ôntica, no sentido de que, qualquer forma de ser (*ser alguma coisa*) é sempre

linguagem, visto ser o meio de espacialização para um mundo em que, o angustiado, está desassociado, como diz Nunes "Chama-se culpa a causa de uma deficiência em relação a outrem, ao ser-em-comum, portanto. Mas essa deficiência não é estranha à nossa condição. O déficit fica a cargo do não-ser que já somos e pelo qual responde a liberdade fundada na transcendência."[16]

A partir desse entendimento sobre a angústia se apresenta a dinâmica do *Cuidado*[17]pois este exprime o nexo do Dasein enquanto preso na dimensão ôntica em processo para o campo ontológico na medida em que o Ser-aí só pode compreender-se em um âmbito de *temporalidade*[18] a partir da mútua relação entre como o passado coexiste com o futuro e ambos são causa um do outro pois se expressam em sua característica condição através da relação um com o outro, assim como expresso na dinâmica de fala e compreensão.

> No âmbito da analítica existencial, a importância que Heidegger confere a temporalidade está no fato de nela residir a unidade originária do cuidado. Isso porque, ao se temporalizar no processo de ex-sistir, o ser-aí entrevê sua finitude, o que o ajuda a delinear o cuidado existencial, bem como, por meio deste, o "trazer à tona" a totalidade do todo estrutural do ser-aí (que não é evidente ao ser-aí cotidiano).(Mertens, p. 117).

E também:

> O cuidado, como ser do Dasein, contraria a idéia de imanência substancial do eu. O poder ser si-mesmo próprio ocorre por um ato de apropriação do Dasein, numa decisão extrema, projetando-o na direção da morte que o totaliza. Mas essa projeção entreabre o que torna possível um ente que existe adiante de si, lançado e cadente: o poder advir a si, 'e nisso, mantendo a possibilidade como possibilidade, isto é, existindo'. (SZ, p.325) Mas o Dasein só retrovém (passado) advindo (futuro) a si; e porque retrovém ao advir, é que gera presente. Ai temos o movimento extático – que se chama temporalidade. Cada um desses componentes é um êxtase, fundando um membro da estrutura do cuidado: o advir ao poder-ser, o retrovir ao ser lançado, o apresentar ao estar junto aos entes. Nesse movimento tríplice ocorre um

---

o estado fechado do Ser-aí. Nessa ótica, até mesmo o lazer, a falta de atividade ainda contam como ocupação pois ainda estão em um campo estático da vida, que admite uma perspectiva daquilo que "é".

[16] Nunes, Ibdem, p.23

[17] Cuidado (*Besorge*) se refere ao recolhimento do Ser-aí de sua condição aberta, o que indica a preservação de sua natureza móvel e lançada.

[18] A temporalidade (Zeitlichkeit) é o fenômeno originário do tempo e corresponde à unidade originária das ekstases do futuro (Zukunft), do sido (Gewesenheit) e do presente (Gegenwart) (p.387). (A TEMPORALIDADE COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DA COMPREENSÃO DO SER DO ENTE SIMPLESMENTE PRESENTE À VISTA *(VORHANDEN)*, CRUZ, LEMOS, **2019**)

> desclausuramento da subjetividade. (Nunes, p.25).

Sendo assim, o cuidado é a característica que mantém a condição aberta do Ser-aí ao passo em que, contrariamente, essa condição o lança constantemente para possibilidades de deixar de ser o que era.

Como a angústia revela a possibilidade da impossibilidade, o cuidado seria a superação a partir de tal estado. Seria o ato de "preservar" o não fundamento do qual o Dasein inerentemente existe. Por isso a relação mútua entre presente passado e futuro, já que só é possível relevar o passado ao passo em que, sendo lançado a todo instante, está em direção ao futuro, e planejar o futuro só faz sentido enquanto ao passo que está lançado e deixando de ser o que era, pode considerar o que já foi. Tais possibilidades só são possíveis a partir do devir que move passado ao futuro e futuro ao passado.

Por esse motivo, Heidegger se depara com um problema em seu projeto ontológico, já que seria impossível a partir da analítica existencial, evidenciar o "aí" do Ser, já que a dinâmica do cuidado impossibilita a desconexão histórica do Ser.

Portanto, na fase seguinte do pensamento heideggeriano, o autor moverá suas ideias para o âmbito da poética, visando uma linguagem que não se prendesse a historicidade metafísica, encontrando na arte tal meio a ser explorado.

Revelados os pontos sobre esquecimento do Ser, Ser em um mundo e em especial a Angústia, já se faz presente uma associação de tais princípios com as obras de Clarisse, pois suas temáticas e manejo peculiar da escrita revelam a intenção de quebra com uma mundanidade por uma busca de algo vago e ao mesmo tempo essencial, bem como está sempre em jogo a questão de como ser a partir de certas bases fundamentais bem como a quebra das mesmas.

O elemento da quebra de uma normalidade mundana é recorrente entre as personagens clarissianas, contendo em grande parte de suas histórias um motivo que lança-os em um vazio de significação, e é nesta ação que a característica estilistica da autora se revela, enquanto uma tentativa de descrição deste processo transitório.

Sendo assim, sobre o próprio ato literário Clarice escreve em A paixão segundo G.H:

> A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. a indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu (A PAIXÃO SEGUNDO G.H , 2009, p. 211).

2.2. **Segunda fase de pensamento (considerações sobre linguagem, arte e poesia)**

Dessa maneira, no que diz respeito ao meio pelo qual o homem configura sua existência (através da linguagem), é preciso achar um tipo de linguagem que quebre a própria forma como ela opera e nisto é preciso dizer que o projeto ontológico proposto em Ser e Tempo não obteve resultado esperado, o que estava programado para ser o terceiro e último capítulo do livro nunca foi lançado, fato este que moveu Heidegger a chamada transição para uma segunda fase de pensamento, esta que ao contrário de outros autores mais complementa suas reflexões do que contradiz de fato as ideias. Pensando em seus escritos posteriores a *ST*. O autor de fato reconhece que durante sua obra de maior renome ainda não seria possível acessar o instante do acontecimento de aparecimento do Ser devido a linguagem utilizada não conseguir atingir suficientemente essa exposição. “Para ele, o trânsito de sua fenomenologia do tempo em direção a constituição de ontologias históricas foi, em parte dificultada pelo fato de sua filosofia do tempo ter fracassado, não obtendo sucesso devido a insuficiência da linguagem da metafisica que invariavelmente usamos” (Mertens, p. 120)

Assim, após o “fracasso” de Ser e Tempo Heidegger passa muitos anos apresentando palestras e publicando obras complementares a seus escritos, como “*Origem da Obra de Arte*” e “Para quê poetas?", mas apenas em “*Carta sobre o Humanismo*” em 1946 em resposta a Jean-Paul Sartre o autor já aponta seu novo direcionamento no que diz respeito a sua filosofia do tempo, sendo no referido texto onde diz:

> Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumar. Consumar significa desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência; Levá-la a plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que todavia “é”, antes de tudo, é o ser. O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas a oferece ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ter acesso a linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o ato de consumara manifestação do ser, na medida em que a levam a um efeito, ou por ser

> aplicado, que o pensar se transforma em ação (Heidegger, Carta sobre o humanismo, p. 7-8).

Neste trecho Heidegger destaca os pensadores e poetas como protetores da linguagem que circundam o Ser, no sentido de que estes põem continuamente a sua abertura. De forma que, nos questionamentos filosóficos e nas irregularidades referenciais da qual a poesia comumente se apropria o aparecimento do Ser neste campo se distingue da linguagem mundana por ser um tipo de linguagem que se permeia por não ser fechada, ao contrário, exercita-se pondo em jogo a si própria ao revelar o que em um primeiro momento é tido como sem sentido e nessa falta de sentido, encaminha para o desconhecido que transcende lógica de causa e efeito, e permite, com mais clareza, que o Ser se mostre mais propriamente enquanto tal, apesar de ainda nesta, residir o desvio para o aparecimento do ente.

Tem-se noção de que quando Heidegger destaca a poesia ele não se limita apenas a este campo artístico (mesmo tendo seu foco nela, devido o quesito do homem ser um animal *falante*), de forma que a arte, independentemente de seu meio de existência, apresenta-se também como esse protetor da casa do Ser, pois o faz por meio de seu apelo, de seu chamado, que ao praticar o ato artístico que configurará a obra de arte, está mutuamente o tornará quem o *é* como artista, pois "Na obra de arte, põe-se em obra verdade do ente. <<Pôr>> significa aqui erigir [...] *Toda a arte*, enquanto deixar-acontecer da adveniência da verdade do ente como tal, *é na sua essência Poesia*"[19] . Por isso, é feita uma divisão em 3 partes ao falar sobre arte, que seriam a coisa, o instrumento e a obra de arte, de maneira que a coisa está referente aos objetos que permeiam o mundo e não sofrem ação humana; o instrumento sofreu intervenção do homem mas só apresenta sentido através de seu uso em um contexto mundano, o que o faz através de sua forma física, justificando-se; já a obra de arte é um instrumento que não serve propósito utilitário algum apesar de se apresentar em um meio de objeto, seja este seu suporte ou seus materiais de produção, de maneira que o que a arte põe em obra ao passo em que está que existe é o próprio Ser, pois o artista não desgasta o mármore ao moldá-lo, não usa a tinta como o puro preencher de uma parede, não utiliza o som como medida de prevenção ou para um anuncio por exemplo, faz com que o mármore/tinta/som brilhem e evidenciem sua essência mais própria.

Um outro exemplo é feito utilizando a pintura de Van Gogh "*O Par de Sapatos*" (1886) um apetrecho mundano, é capaz de não se configurar na pintura apenas através de seu aspecto de coisa, mas abre caminho para o Ser daquele ente ao expressá-lo para além da

[19] HEIDEGGER, Martin. A Origem da obra de Arte, p. 27-59.

utilidade por um outro meio que não o deste enquanto Ser-a-mão.

> [...] A pintura de Van Gogh constitui a abertura do que o apetrecho, o par de sapatos da camponesa, na verdade é. Este ente emerge no desvelamento de seu ser. [...]. Ao desvelamento do ente chamavam os gregos Αλήθεια. Nós dizemos verdade e pensamos bastante pouco com essa palavra. Na obra, se nela acontece uma abertura do ente, no que é e no modo como é, está em obra um acontecer da verdade.
> Na obra de arte, põe-se em obra a verdade do ente. [...]
> A essência da arte seria então o pôr-se-em-obra da verdade do ente[...]. Nas belas artes não é a arte que é bela, chama-se assim porque produzem o belo. [...]
> Portanto, na obra, não é de uma reprodução do ente singular que de cada vez está aí presente que se trata, mas sim da reprodução da essência geral das coisas. (Heidegger, p. 26-27, Ibdem, grifos meus)

Este exemplo da capacidade do artista expor mais propriamente o Ser através do fazer da arte se torna nítido pelo seu uso dos entes na produção artística, e também do que está representado na obra evidencia um plano daquela determinada coisa que a própria coisa não consegue atingir em seu âmbito próprio de objeto que, na arte, não tem o objetivo de uso, o que velaria a verdade do Ser buscado. É por isso que, quando Heidegger se volta para poesia, em especial a de Friedrich Hölderlin, ele busca deixar claro a utilização da linguagem poética como distante da linguagem mundana, e que esta seria um meio, mais próximo, de acessar a verdade do Ser, o que seria dizer, deixar que a palavra, sendo ela um apetrecho, através de um artista poderia ser lapidada para expressar de maneira comunicativa, o instante que proporciona este vácuo que atrai a homem para o questionamento do Ser. Por exemplo o poema a seguir:

A Fonte Romana

Eleva-se o jacto de água e, caindo, enche
por inteiro o redondo da taça de mármore,
e a taça, enchendo-se, extravasa
sobre o fundo de uma segunda taça;
e a segunda, tomando água a mais,
dá à terceira, em ondas, o seu jorro,

e cada uma ao mesmo tempo toma e dá

e jorra e repousa (Heidegger, p. 28, Ibdem)

Sobre o poema Heidegger afirma:

> Aqui não está retratada poeticamente uma fonte de facto existente, nem é o reflexo da essência geral de uma fonte romana. Mas a verdade está posta em obra. Que verdade é que acontece na obra? Pode a verdade em geral acontecer e ser assim histórica? A verdade, diz-se com efeito, é algo intemporal e supratemporal. [...] Veio assim, como que despercebidamente, à luz aquilo que na obra está em obra: a abertura do ente no seu ser: o acontecimento da verdade. (Heidegger, origem da obra de arte, p. 28-29).

Heidegger evidencia que "A obra deixa que a terra seja terra" (Nunes, p.36), ou seja, por sua característica própria de obra artística, que retira do mundo a função e definição das coisas é que elas podem habitar mais propriamente no que de fato são. Sendo assim, partindo do próprio exemplo da pintura de Van Gogh, toda forma de arte, independentemente de seu meio, compreende uma "poesia", pois assim como a arte da palavra, e ao contrário da concepção geral a respeito da linguagem, a palavra não se reduz apenas a capacidade comunicativa utilitária, "[...] não transporta apenas em palavras e frases, o patente e o latente visado como tal, mas a linguagem é o que primeiro traz ao aberto o ente enquanto ente" (Heidegger, Ibdem, p.61). Por isso seria necessária uma linguagem que, como Sylla (2019) coloca "O dizer autêntico-apropriado não é um mero despertar de um potencial à espera da sua ativação. É um dizer que entra em conflito com o discurso habitual e que não se deixa conciliar com este. É uma espécie de confrontação", esta possibilidade é expressa na poesia e na sua habilidade de ouvir o silêncio, ou, o que está oculto, e que proporciona por vias de uma linguagem não referencial um ato de autenticidade para com a existência. Nesse sentido, todas as formas artísticas

Sobre poesia em si Heidegger fala "No olhar essencial sobre a essência da obra e sua relação com o acontecimento da verdade do ente é que se pode perguntar se a essência da poesia, e isso quer dizer, ao mesmo tempo, do projecto, se pode pensar suficientemente a partir da imaginação e da capacidade imaginativa." (Heidegger, 2020, p.60) Com isto ele quer colocar em evidência a dinâmica do Ser-aí no questionamento da essência do Ser através dessa linguagem poética. Porém, tal expressão poética ainda não abandona a metafísica, em partes consegue subvertê-la e recondicionar o Dasein para seu ponto mais originário ao direcioná-lo para abertura do Ser, independente do ente que este utilize para fazer ou apreciar arte, fazer-se nesse sentido ainda é ser-em-um-mundo, mas agora, sem a noção acoplada seguramente de certeza.

> Mas a poesia não é nenhum inventar errante do que quer que seja, não é nenhum oscilar da mera representação e imaginação do irreal. O que a Poesia, enquanto projecto clarificante, desdobra na desocultação e lança no rasgão da forma é o aberto que ela faz acontecer e, decerto, de tal modo que só agora o aberto em pleno ente traz à luz e à luz ressonância. (Heidegger, Origem da Obra de Arte, p. 58).

Este direcionamento para as artes em sua acepção de *poiesis* também ocorre a partir dos modos de ser do Ser-aí, mas não se volta mais a dimensão estática da metafísica. Heidegger assim afirma ser "aquele que prepara o terreno" para o desenvolvimento de uma nova ontologia. Neste patamar de seu pensamento, é como se fosse aquele que deixará o espaço para que a filosofia seja filosofia, ao trancar as portas da metafísica pelo lado de fora.

> Não admira, então, que, como em toda concepção do evento de linguagem que põe em uma Voz o seu ter-lugar originário e o seu fundamento negativo, a linguagem também permaneça aqui metafisicamente cindida em dois planos distintos: *die Sage*, o dizer originário e silencioso do ser que, enquanto coincide com o próprio ter-lugar da linguagem e com a abertura do mundo, se mostra (*zeigt sich*), mas permanece indizível para a palavra humana, e o discurso humano, a <<palavra dos mortais>> que pode somente responder à Voz silenciosa do ser.

3. Clarice: Existencialismo

É preciso de início, ao comentar sobre a escrita de Clarice Lispector, sua conotação existencialista, e para tal, devido sua associação Heidegger neste trabalho, entender como filosoficamente este termo é entendido e como aparece em suas obras, bem como pensar sua "estilística" de escrita a partir de tal conceito.

> Clarice investiga o ser, o sum, por isso suas personagens (quase em totalidade) desenvolvem inquietações do âmbito do reconhecimento, [...] Clarice Lispector sempre busca superar o pensamento, o cogito, quer encarar a temporaneidade do homem no mundo, quer o já. O que, de certo modo e com possíveis ressalvas, é também o que Heidegger, numa tese profunda e densa, desenvolve em Ser e Tempo (2005). (ESPECULAÇÕES ACERCA DO SER EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H.: ENCONTRO E DISSOLUÇÃO, Yasmin Maria Macedo Torres Galindo, Renata Pimentel Teixeira, p. 6-7).

Existencialismo pensado dentro da corrente filosofia é a definição de um pensamento

que se propõe a debater a existência daquilo que propriamente se apresenta enquanto aquilo que de fato o é, o seja, os fenômenos (entendidos como o desvelamento da realidade de fato, portanto, existindo). Heidegger apesar de não se considerar existencialista colocava em xeque a essência do ser humano a partir de uma análise fenomenológica do Dasein, bem como o faz a partir de uma analítica de seus modos de existência. Jean-Paul Sartre, que confere diversos paralelos filosóficos com o autor da floresta negra, foi um dos poucos que levantou a bandeira do termo "existencialista". Ele define o conceito através de sua noção de liberdade:

> A realidade-humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio presente é nadificação na forma do 'reflexo-refletidor'. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença de si (SARTRE, O Ser e o Nada – Ensaio sobre fenomenologia, 1998 p. 545).

Neste sentido, a escrita de Clarice Lispector demonstra uma clara conexão a tal conceito, visto que a própria se referia a sua escrita como algo pessoal em seus relatos públicos, de forma que sua busca pelo Ser devesse ser entendida como propriamente da autora, e caso proporcionasse, uma devida inclinação para os leitores, ao passo que também, essa tal busca, se apresentasse literariamente como o que veio a se tornar o chamariz instigante de sua escrita: a maneira com a qual a "*desconexão*" em seus textos evidenciam uma reflexão a respeito de uma busca de uma essência que não se prende a uma predefinição, uma busca pelo que promove o constante *vir-a-ser*.

É correto afirmar que, como característica bastante presente de sua escrita, Clarice é considerada por muitos como existencialista devido a forma como ela expõe uma certa intimidade, que busca, de maneira peculiar, debater o Ser e a existência através de sua linguagem um tanto quanto específica, como referido anteriormente por "desconexa". Neste sentido, a desconexão se refere a manipulação da escrita e como ela pensa a própria linguagem como uma espécie de temática através de suas obras:

> Autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o *eu* e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidades e animalidade, tais são os pontos de referência do horizonte de pensamento que se descortina na ficção de Clarice Lispector. [...] Mas a permanência desses temas nas diversas partes que a constituem, não poderia garantir, por si só, uma *concepção do mundo*. O que importa, independentemente da

> generalidade com que aí se apresentam, é a modulação que lhes impõem determinados motivos, entrevistos nas análises da primeira parte deste ensaio, e que aparecem frequentemente combinados ou de maneira isolada, mas com insistência de *leitmotifs* que atravessam a obra, repetidos de romance a romance [...] Esses motivos, que diferentes situações reconfiguram, não apenas se relacionam diretamente com os pontos de referência mais gerais da obra, mas se articulam entre si formando a totalidade significativa de uma *concepção de mundo* [...] A temática assim compreendida é uma temática marcadamente existencial. (NUNES, O Drama da linguagem, p. 99-100).

3.1. Obras e Escrita existencialista

A linguagem de Clarice analisada por Nunes em "*O drama da linguagem*" se volta as obras romanescas e os contos, respectivamente serão exemplifica das neste trabalho a relação entre (*Perto do Coração Selvagem, O Lustre*,) e

Nisto ele destaca como principais características de suas obras a temporalidade ondulante, narrativa monocêntrica, distanciamento do mundo e desejo de ruptura, eventualidades diálogos distorcivos e ação narrativa difusa. Tais aspectos reverberam também em seus contos que, apesar de seguirem a estrutura do estilo narrativo, continuam as temáticas existenciais. É também importante destacar o papel de seus protagonistas em suas conduções narrativas.

Por exemplo no romance "Perto do Coração Selvagem" (1944) que é tido como uma obra debatedora de temas psicológicos e que, de acordo com Antonio Candido "uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério[...]" (Nunes, p.12). Joana, a protagonista, passa pelo processo de crescimento e intrigas amorosas, refletindo as dinâmicas de seu distanciamento de si e do mundo, expondo a figura do estranhamento e de um "não lugar" sempre presente, que no desenrolar da história mostra que "O inacabamento da narrativa reduplica a existência inacabada da protagonista" (Nunes, ibdem, p.24).

Em O Lustre a figura da desconexão com o mundo se faz na figura da grande cidade na qual Virgínia viverá solitária sem ponto fixo em um ambiente onde a protagonista é mera espectadora. Nunes compara estes dois romances em sua questão temporal. Enquanto mantém o fato de terem sua ação romanesca difusa, em Perto do coração selvagem, uma diferença está na, justaposição de episódios do passado e presente, que em sua primeira obra ocorrem em

diferentes capítulos, já em O Lustre a narrativa se desenrola sem divisões capitulares, mesclando presente e passado no mesmo espaço vivencial.

Sobre os contos Nunes destaca que:

> Na maioria dos contos da autora, o episódio único que serve de núcleo à narrativa é um momento de tensão conflitiva. Como núcleo, isto é, como centro de continuidade épica, tal momento de crise interior aparece diversamente condicionado e qualificado em função do desenvolvimento que a história recebe. [...] se declara subitamente e estabelece uma ruptura do personagem com o mundo. (Nunes, ibdem, p. 84).

A escritura de Clarice mantém um estilo característico que:

> [...] indicam movimento em círculo, [...] de palavra ao silencio e silencio à palavra. De teor expressivo densamente metafórico, mas alcançando, [...] um alto nível de abstração conceptual, dotado em geral de elevado grau de ênfase, com uma entonação patética que os frequentes registros interjetivos da frase – como apóstrofes, exclamações e interrogações acentuam -, o estilo de Clarice Lispector tem na repetição o seu traço de mais espectro. (Nunes, 1998, p.135).

O conto "Amor" Ana tem uma vida comum em todos os aspectos apesar de que anteriormente teria ocorrido " [...] Um acontecimento desagradável, que a personagem teme como um perigo iminente que pode repetir-se e contra o qual se cautela." (Nunes, ibdem, p.84) Este acontecimento vem a tona quando ela vê um cego mascando chiclete e derruba seu saco de compras, nisso surge a náusea. Através de uma completa banalidade. Já que a protagonista se mantém constantemente regrada, ou ocupada em termos heideggerianos, qualquer elemento minimamente fora de sua compreensão de normalidade a joga para "fora do mundo".

O conceito de náusea de Jean-Paul Sartre tem muita relação com a angústia de Heidegger. A ideia é a mesma. O que rompe o mundano nada mais é do que algo que habita fora dele. O próprio chamado silencioso do Ser que descortina o mundo, porém na obra Clariana isto ocorre pela devida atenção extrema a própria banalidade, quase que como um filósofo o faz nos seus questionamentos afincos sobre o ser.

> O valor da náusea em Clarice Lispector remete-nos a uma atitude perante as coisas e

> o ser em geral, que difere da sartriana. Conforme veremos, à perspectiva mística suplanta a existencial inerente à temática da obra. Mas em consequência disso, a subjetividade, e portanto a experiência interior, perderão o privilégio ontológico que o existencialismo propriamente dito lhes outorga. As relações práticas parecem consolidar e agravar, no mundo de Clarice Lispector, uma alienação sem remédio enraizada na própria existência individual. (Nunes, p. 101, ibdem).

Em diversas obras Clarice demonstra, por uma busca de uma essência do Ser, muito menos atrelada a questão de realmente **encontrar** uma identidade, mas será tomada como uma espécie de debate sobre a fonte de onde derivariam essas referidas identidades e seus modos de ser. Como no caso do conto "Ovo e a Galinha" em que, já é possível observar grandes similaridades com Água-Viva no quesito de debater um olhar existencial e demonstrar constantemente na própria repetição da palavra "ovo" e de suas demasiadas significações, o que está sendo debatido, "fala-se de uma só coisa, um só objeto; mas o significado se evade quanto mais cresce a teia das dedinições por eles formada em torno do objeto" (Nunes, ibdem, p. 92).

> De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo. Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver o ovo nunca se mantêm no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto o ovo há três milênios. – No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. – Só vê o ovo quem já o tiver visto. – Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. – Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. – Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. – Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo. – O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe. (LISPECTOR, Felicidade Clandestina, p. 45, ed: Rocco, 2020).

Outro ponto interessante sobre este conto é a figura da narração que admite um tom impessoal, pois fala de uma coletividade plural, o que remete novamente a ocupação da vida esquecida do questionamento do Ser, partilhando também o mesmo termo de impessoalidade ou mundano. Repetir a palavra "ovo" e dar cada vez mais significações é dar respostas que constantemente se desviam do objeto inicial que se desejava conhecer.

Ou em "*Paixão segundo G.H*" onde a própria nota inicial da autora já revela grande inclinação a um debate existencial, propondo um caminho diferente do habitual, por isso deseja que o livro seja lido por "almas já formadas":

> *A POSSÍVEIS LEITORES*
> Êste livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fôsse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar. Aquelas pessoas que, só elas, entenderão bem devagar que êste livro nada tira de ninguém. A mim, por exemplo, o personagem G. H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria. (Lispector, Paixão segundo G.H, ed: Editôra do Autor, p. “”).

Seguindo com um dos eventos do livro onde a autora discorre um profundo debate existencial a partir de um elemento tido como banal e irrelevante, que é a morte de uma barata, e em como está a põe em uma busca pela própria essência:

> CADA ôlho reproduzia a barata inteira. Perdoa eu te dar isto, mão que seguro, mas é que não quero isto para mim! toma essa barata, não quero o que vi.
> Ali estava eu boquiaberta e ofendida e recuada - diante do ser empoeirado que me olhava. Toma o que eu vi: pois; o que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantado e tão inocente, o que eu via era a vida me olhando.
> Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma sêco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea sêca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama - era lama, e nem sequer lama já sêca mas lama ainda úmida e ainda viva, era urna lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade.
> Toma, toma tudo isso para ti, eu não quero ser uma pessoa viva! tenho nojo e maravilhamento por mim, lama grossa lentamente brotando.
> Era isso - era isso então. É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas.
> Olhei-a, à barata: eu a odiava tanto que passava para o seu lado, solidária com ela, pois não suportaria ficar sozinha com minha agressão. (Lispector, Ibdem, p.58).

O corrimento que sai da barata é chamado de **matéria-prima** e associado a essência da personagem que se compara a barata em um nível basilar, pois existe algo em comum as duas: o fato de que ambas eram dotadas de vida. ao matar a barata foi revelada a insignificância de sua existência, abrindo-a para experiência da angústia. Por tal motivo, consumir o plasma seco é também se pôr em obra com relação a seu ser ao analisar este mesmo trecho de G.H, Nunes atribui a relação da personagem com a barata a uma vontade

pelo impessoal, “[...] está dividida entre o desejo de seguir o apelo do mundo abismal e inumano onde vai perder-se, e a vontade de conservar sua individualidade humana” (Nunes, p.59) tal desejo reflete a experiencia com a dinâmica do tempo e a tentativa de apreendê-lo De certa forma, a barata foi o elemento angustiante para personagem, pondo a quebra do real, invadindo seu espaço humano.

É também perceptível nestas indagações sobre existência que também está em pauta o ser mulher, atrelada a busca de identidade. Com isso, não apenas pensando no momento histórico que trazia transformações importantes para a condição do que era ser mulher, pode-se a partir disso considerar o impacto de um “não-lugar” ou um “lugar flutuante” a partir das quebras a respeito da condição existencial da mulher, assim, é comum em suas obras a quebra de uma expectativa das personagens através da perda de sentido da realidade, ou seja, de seu mundo.

> Na obra de Clarice, o feminino pode ser visto em estreita relação com a filosofia de Beauvoir e, até mesmo, ser ouvido como vozes ressonantes que reverberam a posição da mulher, “em si” e no mundo. Esse “em si”, seria correspondente ao que se considera mulher como outro, sujeito singular, que se pensa de modo identitário como interpreta a filósofa. Quando se lê Clarice, não se pode esperar linearidades, ou previsibilidades, até mesmo o tédio, é um significante. Clarice pulsa, é disruptiva intencionalmente. Carrega uma energia que desloca o leitor da calmaria para onde não se pode saber ao certo. (Gomes, C. B. T., & de Araújo, Érica D. (2023). CLARICE E BEAUVOIR: O FEMININO COMO UMA QUESTÃO DE EXISTÊNCIA. *Revista Contemporânea*, p. 5895).

Com base nestes apanhados, se faz necessário descrever a definição da teoria literária e como a obra clariciana pode ser compreendida através de uma fenomenologia da literatura, esta que seria:

> A fenomenologia da literatura é um dos tipos de teoria literária elaborada, notadamente, no século XX. Trata-se, em última instância, da filosofia da experiência literária, da análise da forma como o fenômeno se torna presente, e tem sua origem fundada na obra de Edmund Husserl. Contudo, é com o polonês Roman Ingarden, discípulo de Husserl, que a fenomenologia se apresenta, em A obra de arte literária, como o procedimento pelo qual se compreenderá a articulação entre a consciência do autor e o leitor. A fenomenologia da literatura se volta para a experiência intuitiva do mundo representado na obra ficcional. (DE PAULA 2012, p. 144-145).

Por "experiência intuitiva de mundo" está notável na obra clariciana a maneira em como retrata o íntimo de suas personagens e da própria banalidade, este elemento seria uma análise dos fenômenos da existência, assim, expor a banalidade em si é tentar atingir sua causa, seu momento basilar, que se desencoberto, sai da mundanidade e alcança o Ser.

Sobre Clarice e sua escrita Nunes afirmava:

> O que importa, independentemente da generalidade com que aí se apresentam [os temas], é a modulação que lhes impõem determinados motivos [...] e que aparecem frequentemente combinados ou de maneira isolada, mas com a insistência de *leitmotifs*, que atravessam a obra, repetidos de romance a romance ou de conto a conto: a *inquietação*, o *desejo de ser*, o predomínio da *consciência reflexiva*, a *violência interiorizada* nas relações humanas, a *potência mágica do olhar*, a *exteriorização da existência*, a *desagregação do* eu, a *identidade simulada* ou *impulso ao dizer expressivo*, o *grotesco* e/ou ao *escatológico*, a *náusea* e o *descortínio silencioso das coisas*. (NUNES, O Drama da Linguagem, 1989, p. 99)

É compreensível o entendimento da autora como existencialista devido a existência e identidade ser um tema recorrente, e no quesito do cenário artístico brasileiro de sua época, pós a busca identitária da arte durante período modernista, é interessante observar a aproximação entre as aberturas e questionamentos levantados neste meio e observá-los a luz das filosofias do século XX, apesar de que no campo filosófico, este ser um título controverso, o próprio Heidegger que se aproximou da literatura poética, voltado questões de linguagem, por mais que trabalhasse com a temática não reconhecia o título de existencialista, justamente para não ser associado a concepção metafísica que tais palavras carregam, mesmo que seu pensamento trabalhasse tais dinâmicas.

Neste sentido, é possível afirmar que, de modo geral, a escrita de Clarice produz uma quebra com uma normalidade tanto pela forma como coloca as palavras, quanto pela construção de suas narrativas, onde certos eventos cativam a atenção por pura estranheza, esta que seria a forma em como é dada atenção a elementos de maneira não convencional, pondo em cheque a essência tanto deste objeto, animal ou cenário quanto das personagens, ao passo que se tornam um tanto metafóricas, mas direcionadas à algo desconhecido. Assim, trazendo estes elementos do estranho para o banal a partir da própria banalidade. Este elemento para a autora era a escrita, de maneira que ela se produzia enquanto alguém que, ao escrever, pode experienciar o mundo e se expor como escritora, mas está em busca justamente da

característica do processo que a faz ser escritora ao pôr a linguagem em prática ao passo que se encaminha para não ser escritora assim que parar de escrever. Igualmente faria um pintor, um músico, ou mesmo "G.H" que acidentalmente matou um inseto.

Clarice evidencia, pela sua atenção a banalidade, o quanto ela é nitidamente desconhecida ao perceber que toda a sua existência está configurada no ínfimo momento em que executa alguma relação com o mundo, sem este instante nada mais o é. O fascínio que a autora provoca está justamente em apresentar o comum e rotineiro exatamente como ele é, o que por vezes pode provocar grande interesse ou angústia.

O ponto a ser destacado não é simplesmente o fato de que Clarice molda sua escrita com foco em um mistério explicitado na mundanidade, já que basicamente o meio poético se abastece justamente desta premissa, mas sim que o destaque dado por ela á esse âmbito é o próprio **instante** de pôr em jogo seu ser, de maneira que seus personagens ao estarem abertos a sua própria condição de existência, o leitor está também em jogo na sua condição de leitor, tendo como único caminho a leitura de uma obra que constantemente não se admite ser outra coisa, que não a perda de uma identidade, sobrando apenas o lançamento permeado pelo processo de se questionar.

Outro autor contemporâneo a Clarisse também trabalhou com temáticas semelhantes, destacando esse "chamado silencioso". Guimaraes Rosa no conto "A terceira margem do rio" desenvolve o personagem do Pai, este que sem razão alguma aparente, pega seu barco e se direciona para o meio do rio, onde fica por bastante tempo, se recusa a responder seus familiares e a voltar, não deixa nenhum tipo de indícios do porquê de estar fazendo aquilo. Com sua estadia na canoa, o que o homem busca é a saída de qualquer margem estável e segura, o que é buscado aparece no salto para lugar nenhum:

> Eis o salto do pai. Um salto que se descalça da subjectividade e salta rumo ao não-encontrável, rumo àquilo que se diferencia de tudo o que dali emerge e, por isso mesmo – por diferenciar-se de tudo o que dele mesmo emerge – possibilita a determinação disto que emerge. Eis o significado da decisão do pai. (Guimarães, p.71-72).

Esta dimensão da possibilidade e do incerto se torna um meio para destacar a falta de fundamento da vida, e ao habitar neste momento, como o homem no barco, esta seria uma forma de expressar o que é habitar verdadeiramente no ser, porém só podemos ter a visaão a partir de quem habita em alguma margem segura, por isso a perspectiva que Guimarães Rosa

escreve nunca é a do pai, pois é impossível para os leitores assegurados de um fundamento, de experienciar esta saída. Clarisse do contrário, tenta proporcionar ao leitor uma chamada para esta "terceira margem" promovendo uma desconexão com bases fundamentais de percepção do mundo através de seu estilo de escrita, o que pode aparentar para alguns como confuso, e justamente nesta confusão que mora o ímpeto, o desejo de saber como é estar neste momento de suspensão.

4- Estrutura de Água-Viva

A partir da noção de existencialismo trabalhada e do entendimento da obra Clariciana por meio da definição de *poiesis* e identificando que o pensamento heideggeriano compreende as artes por esta via, Água-Viva será a obra analisada buscando exprimir os nexos a respeito da noção de tempo e o acontecimento da existência, será buscado enfatizar a maneira com a qual Clarice desenvolve o caminho usado para apresentar seu texto e consequentemente o conceito de "It" desenvolvido pela autora, bem como seus respectivos sinônimos usados em diversos momentos e que, junto a dinâmica textual, pronunciam a ideia de que nesta obra foi discutido o "presentificar-se" para além da temática e também o ocorre por meio da escrita, tendo em vista que, mesmo sendo uma prosa, nela habita poesia por meio de seu aspecto único de enunciação das palavras.

A história gira em torno de uma pintora que acabou de ter um rompimento amoroso, e suas divagações a respeito de seu ser, na medida em que, foi lançada ao fim de quem ela era dentro da relação.

Outro ponto que merece ser destacado em congruência com a dinâmica do tempo em sua escrita, é a característica do espaço em que a narrativa se passa e em como esta parece nunca avançar para solução da temática. Por se passar em diálogos da personagem consigo própria em seus próprios devaneios, ela se permite trabalhar com o um tempo não fixo, o que, em relação ao tema temporal inerente a história, estabelece, no mínimo, que ocorreu um evento em específico (o provável fim ou discussão com um/uma amado/a) porém o "atual" tempo não estabelece nenhuma continuidade espacial concisa, portanto, contribuindo para noção de não progressão contada na história. O ponto de uma temporalidade ondulante permanece nessa obra, porém com muito mais desagregação de uma espacialidade, pois sabe-se que os eventos destacados ocorrem em ordem, mas nunca se sabe quanto tempo passou de um para o outro, onde a personagem está, ou porque tantas situações aparentemente desconexas são expostas de maneira tão direta e natural, levando muitas vezes a

incompreensão de uma mensagem. A única coisa permanente do inicio ao fim é o “It”, mas de tão universal e vago que este é, também se torna ampla e difusa a linha na qual a narrativa se desdobra, ou talvez possa dizer, se emaranha cada vez mais sem sair do lugar.

O fato da narradora ser a personagem principal destaca uma clara relação com a própria Clarice, já que muito da ideia do livro é ser contado de maneira semelhante a uma improvisação, relatando o que fazia na hora, mas mais precisamente destacando o que acaba de passar nos pensamentos da personagem, referindo-se a temática do instante-já.

O núcleo da narrativa em Água Viva não tem um começo na própria obra assim como outras, ela já começa transmitindo a experiência de debate e desejo de apreensão do instante, dando a impressão de que o assunto debatido sempre esteve ocorrendo. Nunca é dado um ponto de partida. Se conhece o evento, mas não seus motivos, seu desenrolar para onde está indo a determinada relação. A história não possui começo pois o instante é seu objetivo, e por isso quer aprendê-lo.

É importante destacar também outros pontos a respeito da escrita de Água Viva que corroboram para experiencia de leitura e para expressão de sua narrativa, como por exemplo o texto de Alex Keine de Almeida Sebastião “Do “ti” ao “it”: uma travessia com Clarice Lispector” onde faz uma análise do ponto de vista linguístico e psicanalista, a escolha e uso dos dêiticos na obra, visando determinar em como os usos da primeira e segunda pessoa na obra apresentam indicações para um “vazio” do pronome “eu” a partir de sua relação com um “tu”, o que demonstra o ato da enunciação tanto para linguística quanto para psicanalise o posicionamento incerto, característico de uma transitividade constante.

> Por essa razão, Benveniste afirma que “eu” e “tu” referem-se à realidade do discurso, pois só podem ser definidos em termos de locução e não em termos de objeto, como ocorre com os signos nominais. Estamos na presença de uma classe de palavras, os pronomes pessoais, que escapam ao status de todos os outros signos da linguagem. A que, então, se refere o “eu”? A algo muito singular, que é exclusivamente linguístico: “eu” se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. Percebe-se, então, que a linguística também aponta para o vazio/ ficção do “eu”, tal como várias obras da literatura, inclusive Água viva. [...]
>
> A psicanálise, por sua vez, também descreve o “eu” como um produto do imaginário, como algo sem consistência. Cada um trilhando seu próprio caminho, diferentes campos da cultura parecem chegar a um mesmo ponto. (SEBASTIÃO, Do “ti” ao “it”: uma travessia com Clarice Lispector, 2022, p. 105).

4.1- Análise heideggeriana de Água-Viva

Já na primeira página de Água-Viva se vislumbra a proposta de Clarice em debater o tempo e as dinâmicas do ser, onde realmente a leitura a partir de Heidegger se torna evidente:

> É com uma alegria tão profunda. É uma tal aleluia. Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação mas é grito de felicidade diabólica. Porque ninguém me prende mais. Continuo com capacidade de raciocínio – já estudei matemática que é a loucura do raciocínio – mas agora quero o plasma – quero me alimentar diretamente da placenta. Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? Ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena. (Lispector, Água-viva, 1973, p.9).

A personagem parece designar ter experimentado aquilo que Heidegger chamou de angústia e agora percebe-se na sua condição de estar lançada para o vir-a-ser, tal ato é evidenciado pelo uso da palavra "felicidade" sendo está também "diabólica", ressaltando o velamento do Ser. E ainda mais, ela descreve esta dor diabólica com a liberdade, que seria de não estar mais presa ao mundo ôntico pré-compreendido, o que anula qualquer base fundamental cristalizada, perdendo apoio. Está posto aqui que após a angústia o raciocínio, entendido como o que é ôntico, apesar de se manter firme, além de ser abandonado é associado a matemática como "loucura do raciocínio", pondo o elemento da razão como esta base estática da qual não mais se pode ter apoio, e por isso agora, a personagem deseja a "placenta", isto quer dizer, o instante, o momento em que o Ser se desvela e se torna acessível sem a camada encoberta dos entes. Ainda mencionando o parágrafo um, ela termina postulando ter medo, o que seria a apreensão de dar um "salto de fé e se lançar frente ao absurdo"[20], parafraseando Kierkegard. E por fim, sobre os questionamentos a respeito da produção do instante está presente a dinâmica do Dasein, quando ela pronuncia a manifestação do instante como conjunta entre ela (Ser-aí), o próprio instante (entendido como o Ser se manifestando) e a respiração enquanto temporalizar-se (analogamente entendido

[20] Para Soren Kierkegard o conceito de "salto de fé" é quando: "[...] o indivíduo se encontra solitário diante do absoluto, ou do absurdo, face ao qual ele tem de decidir, mas sozinho. Aqui não entra em linha de conta nenhum raciocínio, nenhum argumento, nenhuma inteligibilidade. Esta é a razão pela qual Kierkegaard qualifica este estágio como sendo o "paradoxo do salto da fé", pois ele se manifesta como uma ruptura no seio mesmo da generalidade ou daquilo que é universalmente aceito." (ALMEIDA, Rogério de Miranda, SØREN KIERKEGAARD: A Mediação e o Paradoxo do "Salto de Fé" 2019, p. 365-366)

como o que perpetua a existência aberta do Ser-aí). A desenvoltura de toureiro na arena é daquele que tenta domar o touro incontrolável, mas no caso, não é a tentativa de tornar estático, e sim se manifestar assim como o toureiro, que precisa "dançar" com a força indomável, que lança/joga, do animal feroz.

Complementar a este início, a personagem esclarece e pontua: "Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do **é** da coisa" (p.9). A tentativa de se apossar do "é" é o ato de ter a desenvoltura do toureiro, e apresentar o malabarismo ao lidar com a abertura do Dasein. Lidar com a força indomável do instante é a desenvoltura produzida no âmbito da linguagem, este que seria o "coliseu" onde habita o Ser. A autora admite que a linguagem é seu panorama de tentativa de pôr em prática desejo de posse.

Clarice expõe então as motivações acerca da escolha de expressão da protagonista pelo uso da palavra:

> Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procura estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos" [...]
>
> Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser e o sabor-a-ti é abstrato como o instante. É também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma. Não se compreende música: ouve-se. Ouve-me então com teu corpo inteiro. Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem, é que agora sinto necessidade de palavras – e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é minha quarta dimensão. (Clarice, p.10-11, Ibdem).

Parafraseando Heidegger quando diz "A obra deixa que a terra seja terra", isto se conecta com o que Clarice colocará em vigor sobre o uso da palavra, ao pôr a personagem como uma pintora que agora se manifesta escrevendo/falando, pois somente a linguagem da fala ou desse pronunciamento pode permitir que a dada expressão de seu Ser no momento do acontecimento (e metalinguisticamente relaciona-se com a própria Clarice que escriva a obra, lembrando que a mesma também pintava quadros) evidencie-se mais propriamente. A arte visual não seria transponível assim como o som para tal experiencia da que a autora pretende trabalhar. Assim, o que está sendo posto é em como a obra permite que as palavras se evidenciem de fato, porém, devido sua temática, está também imposto o próprio limiar da

linguagem que vai de encontro a busca pelo “instante-já” ou “It”.

> Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que – e porque não me interessa, a causa é matéria de passado – perguntarás por que os traços negros e finos? É por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme sempre por si mesma. O que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical.
>
> Vejo que nunca te disse como escuto música – apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espraiando ondas pelo corpo todo: assim ouço a eletricidade da vibração, substrato último do domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos (Lispector, p. 1).

Outro ponto é a característica presente na citação acima é a de que a personagem escreve para alguém (sendo este o/a possível ex) se apresenta na escrita de forma clara, já que em vários momentos a personagem assume que a pessoa “pensaria isto, acharia aquilo”, assim, todo o falar pressupõe uma dinâmica de entendimento que nunca vem para solucionar questionamentos, fazendo com que a própria necessite perguntar para si suas questões assumindo uma possível posição do outro. Nessa dinâmica que percorre o livro está presente a noção dos existenciais, na medida em que a relação perdida era seu mundo e definia quem ela era, a fundamentava por meio da interação, do pronunciamento, que agora perdido, é simulado pelo autoquestionamento ao passo em que anseia por uma libertação dessa correlação que estabelece um lá e um cá, pois afirma querer possuir o instante. Porém, assim como Heidegger exemplifica com o poema da fonte romana de Holderlin, Clarice está expressando a própria dificuldade de saída do panorama metafísico empreendido pela linguagem, pois todo dizer é sempre direcionado para alguém, mesmo que este seja a si próprio na função de compreensivo, definindo a característica de pré-compreensão já assumida em toda relação para com o mundo heideggeriana.

Assim como Heidegger a personagem afirma que “a palavra mais importante da língua portuguesa tem uma única letra: é. **É**.” (Lispector, Ibdem, p.28) direcionando a importância do debate sobre o ser para o ser. Ao passo em que dá destaque ao **silêncio,** ao falar sobre o it é dito que ele é o **impessoal** e também é **transcendência,** onde mantém esses termos em relação com o que ela chama de Deus:

> Ouve-me, ouve-me meu silencio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo "águas abundantes" estou falando da força de corpo nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio. Ah tenho medo do Deus e do seu silêncio.
>
> Sou-me. (Lispector, Ibdem p.30).

Em Heidegger, ouvir o silêncio significa permitir que ele se pronuncie sem ser maquiado pela significação, por isso o ouvir da poesia é um escutar o que não significam os termos usados, mas sim o que eles apontam de desconhecido. Clarice expressa tal dinâmica a partir da passagem do dito que não é mais. Um outro poder captar o que ela não pode significa que, através da poesia é possível se aproximar da verdade do ser que ela expressa e que a própria não consegue acessar por já ter passado seu momento, e tendo em vista que a escrita do livro tenta expressar o próprio acontecimento do vir a ser poético, a percepção deste silêncio é ainda uma captação de "outra coisa", porém, destacada agora como uma evidência daquilo que se pronuncia para uma abertura, que deseja sair de seu espaço confinado.

> Mas há também o mistério do impessoal que é o "it": eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu "it" é duro como uma pedra-seixo.
>
> A transcendência dentro de mim é o "it" vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem. Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? Fica inquieta na sua vida sem olhos. Eu costumava pingar limão em cima da ostra viva e via com horror e fascínio ela contorcer-se toda. Eu estava comendo o it vivo. O it vivo é Deus. (Lispector, Ibdem p.30).

O ponto do impessoal aparece para personagem como algo estático e não sofre ação do pessoal, definido como a parte da matéria orgânica em decomposição no solo, assim como para Heidegger significava a queda do dasein na linguagem mundana e o distanciamento do ser. Ela diz seu it como estático como definição de sua "mundanidade", caída e distanciada do ser, em contraposto com o it transcendental e inquieto que é a natureza do ser-aí manifestada a todo instante apresentada na figura da ostra contorcendo-se.

Logo após afirmar que o it vivo é Deus, a personagem se corrige e prefere abandonar a analogia afirmando: "[...] sei que Deus é o mundo. É o que existe, eu rezo para o que existe?

Não é perigoso aproximar-se do que existe. A prece profunda é uma meditação sobre o nada. É contato seco e elétrico consigo, um consigo impessoal" (Lispector, Ibdem, p.30-31). Essa contradição põe em jogo a dinâmica de se voltar para um temor fora do cotidiano, portanto fora do mundo/Deus, mas ao praticar tal ação, a meditação sobre o nada, perde-se o referencial fundamental de existência e depara-se com o instante que reflete a única possibilidade restante após o esvaziamento do mundano: a morte. Deus é o it vivo mole/movimento e duro/estático ao mesmo tempo pois apresenta a dualidade da manifestação do ser, como algo que se manifesta se ocultando.

A seguir, ao se colocar na posição da ostra, revela associação com a posição do Ser-aí, na medida em que está se contorce, expondo sua vivacidade sendo a cada instante um ânimo, e também sua perda, se voltando para morte constantemente.

A partir deste ponto a presença de Deus enquanto it se torna mais presente, sempre voltando-se a dinâmica de uma escrita feita no momento, bem como descreve situações que aparentam terem ocorridas simultaneamente a escrita, mencionando assim um telefonema, pensamentos inquietantes e, à primeira vista aleatórios (como sobre os dinossauros), porém sempre retornando a esta conjunção divina com o instante.

É perceptível também a tentativa de explicar o que se passa em seus pensamentos em determinado momento, quase como se quisesse explicar a própria forma de sua escrita em certos momentos, como quando diz" [...] It é elemento puro. É material do instante do tempo. Não estou coisificando nada: estou tendo o verdadeiro parto do it" (p. 34). Expor seu pensamento sem qualquer tipo de preparação e de forma corrida é o mais próximo que se pode alcançar do instante sem "coisificá-lo" em uma significação. A escrita de Lispector neste livro não poderia ser mais intima e ao mesmo tempo comunicar algo tão universal como a bagunça que é o pensamento, ou melhor, o inquietar-se sobre algo, nesse caso, o tempo.

Curiosamente, a partir de um único questionamento em voga, a tentativa de resposta lança as mais diversas formas e caminhos de pensamento apenas para retornar ao mesmo lugar, assim, por mais que tente afirmar um desprendimento, ainda assim, nunca se desprende totalmente de uma já posta significação no que é dito. Não interessa a via que tomada, este retorno ao ponto inicial não está traduzido totalmente evidenciado em seu instante, seja na figura do nascimento dos gatos onde o It é referido como o processo de sair da placenta e do corte do cordão umbilical. Ao dizer "Comi minha própria placenta para não precisar comer durante quatro dias" (Lispector,p. 35) demonstra a necessidade de consumir sua própria abertura para o mundo, quer dizer se abastecer do movimento que é nascer já se direcionando para morte, e a cada instante, necessitando **ser algo estático** para não morrer definitivamente;

ou na madrugada ao dizer “E logo elástica pulei da cama. Vim te escrever. Quer dizer: ser [...] Mas eu mesma estou na obscuridade criadora. Lúcida escuridão, luminosa estupidez” (p. 35) onde o jogo luz e sombra remete novamente a vida e morte no ato da escrita, que em paralelo com o próprio livro Água Viva, a autora e personagem só ocupam espaço no mundo enquanto escritoras no ato escreverem, ao acabar precisam se ocupar de outro papel, mesmo que nenhum outro possa torná-las o puro **movimento**.

O ato de doar-se ao indizível (It) é o ponto que reverbera por toda obra. Não é o caminho da história contada que importa, já que isto denota condição de significação, mas sim, expressa a tentativa de alcançar um âmbito que só se revela no ato de tentar; É o processo de dizer tais coisas indefinidamente e sem conclusão aparente que cria o espaço onde a linguagem pode se aproximar do Ser. Se Holderlin ao falar da fonte romana expressou mais nitidamente seu ser, Clarice faz o mesmo com o tempo, logo, o próprio ser. A intimidade da qual a autora nos aproxima acaba por revelar nossa própria experiência temporal e por isso mesmo a autora termina o livro dizendo “O que te escrevo continua e estou enfeitiçada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, a finalidade do trabalho estava em afirmar a conexão entre Clarice Lispector e Martin Heidegger através de uma análise da estilística e temáticas abordadas na literatura da autora, a fim de por último, desvendar o conceito de "It" apresentado em Água Viva reconhecendo-o como próximo ao que o filosofo entendia enquanto "Ser-aí", afim de que ficasse entendido que, através do ato da escrita literária, a autora debateu esta noção de "presentificação" ao evidenciar o instante da abertura fundamental do Ser na própria maneira em como escreve a obra, tornando-a semelhante a um movimento de exposição instantânea de pensamentos, aparente=ando não ter planejamento. Isto somado ao fato de a temática debatida pela personagem ser o próprio momento da abertura, a obra não apresenta começo nem fim, e seu meio não designa nada, nenhum referencial para que os leitores possam afirmar "é isto", ou "este é o significado". A obra é aberta e revela no ato de se ler sua própria abertura enquanto leitor, através do desprendimento de qualquer referencial a respeito do que se lê.

Acredito que o trabalho possa contribuir como uma análise tanto da obra quanto da autora devido a relacioná-la com Heidegger, pois mesmo que não seja uma relação inédita, a escritora é comumente associada a Sartre quando é pensada filosoficamente. Também acho válido o trabalho como uma produção do curso de letras em específico do Campus do Sertão, já que não encontrei produções que trazem Heidegger para discussões sobre linguagem, seja no campo da linguística ou da literatura, e por tal motivo, talvez possa trazer uma visão de fora do campo das linguagens, porém que o analisa fortemente e intrinsecamente a posição existencial do ser humano, reverberando com temáticas próximas de dentro do curso.

Acredito que a pesquisa possa ser continuada, especialmente se o foco for ampliado para outras figuras de linguagem expressas na obra, como por exemplo a associação com a placenta da gata, somente isto já produz possibilidades novas de interpretação. Assim, como o tempo foi a temática principal da obra e o "It" representar o próprio movimento de escrita que tanto da autora quanto da personagem da obra revelam algo que, com certeza, pode enunciar mais significações a partir de seu estilo de escritura.

Existem elementos na pesquisa que poderiam ser ampliados, e que durante a produção do trabalho não receberam o devido foco no corpo do texto, como exemplo, mais autores contemporâneos a Clarisse e a própria abordagem de conceitos temporais e da temática da angústia, temas que permearam a literatura brasileira, bem como um desenvolvimento maior do que foi o período modernista e pós-modernista, dando maior dimensão contextual histórica.

Outro ponto que poderia ser ampliado é a relação do próprio Heidegger com a literatura em si, já que no texto foi dada uma abordagem mais voltada a sua noção do que é arte de forma geral, e por mais que no trabalho seja abordada a poesia, seria interessante desenvolver mais a relação entre a produtividade da escrita por um viés do heideggeriano, englobando maior as noções de Dasein durante o processo de produção.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério de Miranda, **SØREN KIERKEGAARD: A Mediação e o Paradoxo do "Salto de Fé",** Faculdade São Basílio Magno https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/11908/11519 2019, Acesso em: Fev./2023.

CRUZ, LEMOS, **A Temporalidade como condição de possibilidade da compreensão do ser do ente simplesmente presente à vista (Vorhanden).** 2019 Acesso em: Jun./2023 https://doi.org/10.11144/Javeriana.uph36-73.tspv

GALINDO, Yasmin Maria Macedo Torres. **Especulações acerca do ser em A Paixão Segundo G.H.: encontro e dissolução**. 2019. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

GOMES, C. B. T., & de ARAÚJO, Érica D. (2023). **Clarice e Beauvoir: O Feminino como uma questão de Existência.** *Revista Contemporânea. 3*(6), 5890–5908. https://doi.org/10.56083/RCV3N6-063, Acesso em: Jan./2024.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____. Martin, **Origem da obra de Arte. São Paulo:** Edições 70, 2010.

_____. Martin, **Carta sobre o Humanismo.** São Paulo: Centauro, 2005.

LIMA, BALBINO MARÇAL, **Ensaios sobre Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty.** Bahia: UESC, 2014.

LISPCTOR, Clarice, **Água-Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Clarice - Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro Rocco, 2020.

MERTENS, **10 lições sobre Heidegger.** Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MIRANDA E CASTRO, LO BIANCO **Escrita poética e elaboração analítica: fazer com o impossível de ser dito**, 2008. Disponível no site: Escrita poética e elaboração analítica: fazer com o impossível de ser dito (bvsalud.org) Acesso em: Set./2023.

NUNES, Benedito, **O drama da Linguagem.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. Benedito, **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SEBASTIÃO, Alex Keine de Almeida, **Do "ti" ao "it": uma travessia com Clarice Lispector,** Aletria, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 99-120, 2022. http://orcid.org/0000-0002-8407-5960 Acesso em: Dez./ 2023.